

SCHLEIERMACHER E A ATUAL DISCUSSÃO HERMENÊUTICA*

Aloísio Ruedell**

SÍNTESE - Uma releitura do pensamento de Schleiermacher, liderada na Alemanha pelo prof. Manfred Frank, introduz esse autor na atual discussão hermenêutica. Se em nosso meio o interesse por Schleiermacher tem sido muito reduzido, não se reconhecendo, por conseguinte, a sua atualidade, isso, sem dúvida, tem a ver com a sua recepção, por demais psicologizante. A avaliação será outra quando, como Frank, descobrirmos a dimensão sistemática de seu projeto hermenêutico que considera tanto a interpretação gramatical quanto a psicológica. A discussão hermenêutica caracteriza-se hoje, em grande parte, pelo diálogo com as ciências.

PALAVRAS-CHAVE - Hermenêutica. Interpretação psicológica. Interpretação gramatical. Releitura. Atualidade.

ABSTRACT - The text presents a re-reading of Schleiermacher's thought, led in Germany by professor Manfred Frank who introduced this author in today's discussion. If in our mean the interest on Schleiermacher's work is reduced and his actuality not, thus, recognized it undoubtedly has to do with its reception, excessively psychologizant. The evaluation will be different when we, like Frank, discover the systematic dimension of his hermeneutic project which regard both grammatical and psychological dimensions. The today's hermeneutic discussion characterizes itself by a close dialogue kept with sciences.

KEY WORDS - Hermeneutic. Psychological interpretation. Grammatical interpretation. Re-reading. Actuality.

Uma releitura do pensamento de Schleiermacher, liderada na Alemanha pelo prof. Manfred Frank, introduz esse autor na atual discussão hermenêutica. Mesmo que nem todos leiam agora com a chave de Frank, a recepção por ele ensaiada é motivo suficiente para provocar o debate, que, em verdade, pressupõe também vozes discordantes.

* Texto apresentado no II Seminário de Filosofia Hermenêutica, realizado nos dias 14 e 15 de novembro de 1997, em Santa Maria, RS, pelo Curso de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria e pelo Centro de Estudos Integrados Fenomenologia e Hermenêutica.

** Professor de Filosofia na Universidade de Ijuí (UNIJUI), vinculado ao Departamento de Filosofia e Psicologia, doutorando em Filosofia no Curso de Pós-Graduação da PUCRS. Participa também do *Grupo de Estudos Integrados de Fenomenologia e Hermenêutica*, coordenado, a partir do Curso de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS, pelo Prof. Dr. Ernildo Stein.

Falar ou ouvir falar em hermenêutica implica pensar primeiramente no nome de Schleiermacher, ao menos na Alemanha e desde a sua divulgação por Dilthey – afirma Peter Szondi.¹ As histórias da hermenêutica, que por ele iniciam, reconhecem normalmente que foi em seu pensamento que se operou o giro hermenêutico. Com ele, pois, a hermenêutica passa a integrar o cenário filosófico,² ao deixar sua função de mera disciplina auxiliar (da exegese ou da literatura) e erigir-se em ciência autônoma como arte da compreensão e da interpretação. Sua indagação transcende os estreitos limites de uma interpretação específica, perguntando pelas condições gerais da compreensão e da interpretação, à semelhança da pergunta de Kant pelas condições de possibilidade do conhecimento. Com Apel poderíamos caracterizar o seu empreendimento “como uma transformação da crítica da razão em crítica do sentido”.³ Constitui-se em certo “divisor de águas”, dando início, na filosofia e na hermenêutica, a uma nova etapa de discussão, o que nos permite falar dele como de um “clássico da hermenêutica moderna”.⁴

O interesse desta apresentação, porém, não está simplesmente ligado à origem da tradição hermenêutica. Para além do giro hermenêutico, nele operado, pretende-se apresentar o pensamento de Schleiermacher de modo a evidenciar a sua atualidade. O que me motiva é a certeza de que o seu pensamento tem aspectos importantes a serem considerados, podendo efetivamente contribuir para o atual debate hermenêutico.

Se em nosso meio o interesse por Schleiermacher tem sido muito reduzido, não se reconhecendo, por conseguinte, a sua atualidade, isso, sem dúvida, tem a ver com a sua recepção, por demais psicologizante. A avaliação será outra quando, como Frank,⁵ descobrirmos a dimensão sistemática de seu projeto hermenêutico, que considera tanto a interpretação gramatical quanto a psicológica. No mais, além dessa dupla perspectiva de interpretação, a base dialética e a instância crítica da própria hermenêutica são componentes essenciais do pensamento de Schleiermacher, que o habilitam para a atual discussão hermenêutica, que em grande parte se caracteriza pelo diálogo com as ciências. Será basicamente esta a tarefa: para além da pergunta peculiar de Schleiermacher pela subjetividade singular do outro (autor ou interlocutor), mostrar o caráter lingüístico e sistemático do seu pensamento, fator decisivo para que tenha espaço na discussão filosófica.

1 Redução psicológica da hermenêutica?

Já na segunda metade do século passado e na primeira deste, a recepção de Schleiermacher tem identificado um caráter predominantemente psicológico em seu projeto hermenêutico. Essa versão aparece, por exemplo, claramente no pro-

1 Cf. Peter Szondi, *Einführung in die literarische Hermeneutik*, Suhrkamp 1975, p. 135.

2 Cf. Hans Ineichen, *Philosophische Hermeneutik*. Freiburg (Breisgau)/München: Alber, 1991, p. 117.

3 Fr. D. E. Schleiermacher, *Hermeneutik und Kritik*; mit einem Anhang sprachphilosophischer Texte Schleiermachers. Hrsg. und eingeleitet von Manfred Frank, 4. Aufl. Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 1990, p. 10. Para citação = *HuK*.

4 Hendrik Birus (org.), *Hermeneutische Positionen*: Schleiermacher, Dilthey, Heidegger, Gadamer. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1982, p. 15 ss.

5 Cf. *HuK*, p. 7-67, e Manfred Frank, *Das individuelle Allgemeine*: Textstrukturierung und Textinterpretation nach Schleiermacher. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985.

ferimento de Gadamer contra a “hermenêutica romântica”.⁶ A não percepção do aspecto sistemático da hermenêutica de Schleiermacher constitui-se no próprio motivo da crítica que lhe é feita em *Wahrheit und Methode*. É por essa mesma leitura que, sem dúvida, também se explica, em grande parte, que, em nosso meio, o interesse por Schleiermacher seja apenas marginal. Os seus livros estão praticamente ausentes de nossas bibliotecas. A referência a seu nome – indispensável nos estudiosos da hermenêutica – é geralmente apenas punctual, de caráter meramente histórico, reconhecendo-lhe o mérito de ter colocado a pergunta hermenêutica, sem, porém, fazer a mesma avaliação positiva do seu desdobramento. Não poderia ser diferente. Como, pois, se justificaria uma hermenêutica reduzida à sua dimensão psicológica, quando todo o pensamento traz hoje as marcas do método e do rigor das ciências?

Ao se rever agora essa recepção, unilateralmente psicologizante, do pensamento de Schleiermacher, Jean Grondin adverte que ela não está totalmente errada, vista a partir da própria questão.⁷ O destaque do psicológico não é, segundo ele, apenas problema de leitura. Estaria no próprio Schleiermacher, ele que, em seus últimos trabalhos, teria substituído a denominação “interpretação técnica” por “psicológica”. O que efetivamente interessa na interpretação é, para além do discurso, chegar ao “pensamento interior” do falante ou autor. Com isso, uma questão meramente lingüística ou gramatical de uma passagem não oferece nenhum problema especial. O que “não se pode compreender ou compreender erradamente é aquilo que o autor quis dizer”.⁸ É por isso que o discurso precisa ser interpretado. Sua inteligibilidade está vinculada à intenção do autor.

O sentido psicológico da hermenêutica de Schleiermacher não pode, evidentemente, ser negado. Nem é essa a intenção de Frank, ao se referir à sua recepção “psicologizante” por Dilthey. O desafio de Schleiermacher é realmente entender o outro, o diferente; entendê-lo em sua singularidade subjetiva. Por isso, para entender um discurso, é preciso interpretá-lo nesta perspectiva, enquanto marcado pela peculiaridade de seu autor ou falante. Este torna-se, de alguma forma, critério de interpretação. A hermenêutica, enquanto arte de interpretação e de compreensão, privilegia a gênese e a recepção do discurso. É daí que este tem o seu sentido, da consciência que o projeta e compreende. Por mais que a comunicação discursiva dependa de certas regras de linguagem, estas, embora condição de possibilidade, não são sua causa *per quam*, e até mesmo só se esclarecem *a posteriori*, como *post festum*,⁹ depois de estabelecidas e aplicadas pela comunidade lingüística. A própria racionalidade é, dessa maneira, remetida à sua origem, porque a revelação do sentido sempre é uma compreensão do sujeito, realiza-se numa consciência subjetiva. Radicalizando, sustenta-se inclusive em Schleiermacher, que o universal enquanto tal não existe, ao menos não sem o concurso de projetos individuais.¹⁰ A dimensão individual e subjetiva é essencial, tanto na compreensão quanto no estabelecimento de um sentido.

⁶ *HuK* 60.

⁷ Cf. Jean Grondin, *Einführung in die philosophische Hermeneutik*, Darmstadt: Wiss. Buchges, 1991, p. 95.

⁸ *Ibid.*, p. 95.

⁹ Cf. *HuK* 23.

¹⁰ *Ibid.*, p. 18.

Portanto, não podemos ignorar, como adverte Grondin, que o interesse de Schleiermacher está na reconstrução do pensamento interior, donde emerge o discurso. A tarefa da hermenêutica, segundo ele, “consiste em reconstruir, da maneira mais perfeita possível, todo o processo interior da atividade de composição do autor”.¹¹ Quando, porém, essa posição se absolutiza, ignorando a dimensão sistemática que a acompanha, justifica-se a releitura de Frank e faz sentido sua crítica à “psicologização” de Schleiermacher. Infelizmente, entende Frank, tem sido esta, até aqui, a sua recepção, e “ainda não existe uma recepção estruturalista”¹² do seu pensamento. É a tarefa que se impõe, demonstrando que o projeto hermenêutico de Schleiermacher deve ser entendido, todo ele, nesta dupla perspectiva de interpretação: “psicológica” e “gramatical”, a que corresponde também uma dupla concepção de linguagem: sistema e ato de compreensão e aplicação.

2 A interpretação gramatical e a base dialética da hermenêutica

Frank combate o argumento histórico de Heinz Kimmerle (que faz a primeira edição crítica da hermenêutica de Schleiermacher, em 1959¹³), segundo o qual poderíamos distinguir várias fases no pensamento de Schleiermacher, havendo num primeiro momento um acento maior na interpretação gramatical e privilegiando-se, num segundo momento, a interpretação psicológica, época em que Lücke fez a primeira publicação da *Hermenêutica de Schleiermacher*(1838).¹⁴ Estaria aí a explicação da leitura parcial e psicologizante que veio até nós. Frank, entretanto, contra-argumenta, dizendo que, em textos posteriores, o próprio Schleiermacher fala inclusive da “prioridade do aspecto gramatical” da interpretação,¹⁵ numa época em que (segundo Kimmerle) ele teria acentuado mais o aspecto psicológico. As duas dimensões, individual (psicológica) e universal (sistemática, gramatical) acompanham, em verdade, todo o pensamento de Schleiermacher. Se a interpretação gramatical, considerada isoladamente, não faz sentido – como antes mencionado – igualmente não faz sentido, e torna-se ininteligível, uma abordagem exclusivamente psicológica da interpretação.

Se o desafio principal, na interpretação de um texto, é refazer o pensamento interior do autor e o processo de sua elaboração, não se pode, contudo, esquecer, que o próprio pensamento é uma fala, uma “fala interior”,¹⁶ como diz Schleiermacher. Não existe primeiro um puro pensar, e depois a sua comunicação. Já sempre pensamos em termos ou palavras, e segundo regras gramaticais. No ato de pensar, por mais interior e particular que possa ser, está sempre pressuposto o apa-

¹¹ Ibid., p. 321. Cf. também Jean Grondin, op. cit., p. 96.

¹² Manfred Frank, *Das individuelle Allgemeine*, p. 249.

¹³ Fr. D. E. Schleiermacher, *Hermeneutik*. Nach den Handschriften neu herausgegeben und eingeleitet von Heinz Kimmerle, Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1974. Para citação = *HK*.

¹⁴ Fr. D. E. Schleiermacher, *Hermeneutik und Kritik mit besonderer Beziehung auf das Neue Testament*. Aus Schleiermachers handschriftlichem Nachlasse und nachgeschriebenen Vorlesungen hrsg. von Dr. Friedrich Lücke. Berlin: Reimer, 1838. Para citação = *HL*.

¹⁵ *HL* 40, transcrito em *HuK* 99.

¹⁶ *Dial O 9* (*Dial O* = Friedrich Schleiermacher, *Dialektik*. Im Auftrage der Preussischen Akademie der Wissenschaften auf Grund bisher unveröffentlichten Materials hrsg. von Rudolf Odebrecht. Leipzig: Henrichs Verlag, 1942).

rato da linguagem, objetiva e sistematicamente constituída. Por isso, compreender um discurso é compreendê-lo nestas duas perspectivas, “como extraído da linguagem” e “enquanto fato daquele que pensa”.¹⁷ Numa requer-se a “interpretação gramatical” e noutra a “psicológica”, considerando o discurso, respectivamente, como um dado da língua e como expressão do autor ou falante. Toda compreensão é sempre, ao mesmo tempo, “gramatical” e “psicológica”. Nenhum dos dois aspectos pode estar ausente quando há efetiva compreensão, nem se pode dizer que um é mais importante do que o outro, ainda que o destaque possa ser diverso, conforme o enfoque que se pretenda dar. Considerando o objetivo desta exposição, cito as palavras de Schleiermacher: “[...] seria ilegítimo – afirma ele – dizer que a interpretação gramatical é inferior e que a psicológica é superior”.¹⁸

Fortalece-se ainda mais essa argumentação, que visa recuperar a dimensão sistemática do pensamento hermenêutico de Schleiermacher, lembrando que a hermenêutica propriamente emerge no contexto da dialética e da comunicação. É nesse contexto mais amplo que se põe o desafio da interpretação e também se supera o problema de sua redução psicológica. A dialética, enquanto arte de se entender ou dialogar,¹⁹ é, em verdade, para Schleiermacher, a ciência filosófica superior, à qual está submetida a hermenêutica. Ela é uma necessidade que se impõe em vista do saber e diante da impossibilidade de obtê-lo plenamente.²⁰ Devido à nossa limitação humana,²¹ e não existindo um ponto arquimédico, donde pudéssemos avaliar nossos conhecimentos progressivamente logrados, precisamos admitir, acredita Schleiermacher, que nunca faltará motivo de discussão. A saída é a conversação, o diálogo intersubjetivo. Com a fraqueza do sujeito (sem condições de uma busca monológica da verdade) e não havendo mais um princípio metafísico regulador, é essa a única maneira de chegarmos a verdades comuns e, tanto quanto possível, livres de conflito.

O princípio da dialética está estreitamente vinculado à universalização da não-compreensão ou dos mal-entendidos, donde parte a hermenêutica. Se a compreensão, como diz Schleiermacher, nunca se dá por si, mas precisa ser buscada e interpretada sob todos os seus aspectos,²² essa busca, porém, não se pode confundir com um procedimento solitário ou monólogo. A hermenêutica, enquanto “arte de compreender corretamente o discurso [...] de outrem”,²³ participa de uma busca dialógica do saber. Não há, pois, conhecimento ou saber que não se esta-

¹⁷ HuK 77.

¹⁸ HuK 79: “Beide stehen einander völlig gleich, und mit Unrecht würde man die grammatische Interpretation die niedere und die psychologische die höhere nennen.”

¹⁹ Em *Dial O 5* encontramos esta definição: “Darlegung der Grundsätze für eine kunstgemässe Gesprächsführung im Gebiet des reinen Denkens”.

²⁰ Cf. *Dial O 7*.

²¹ Caberia aqui todo um capítulo sobre a teoria do sujeito de Schleiermacher, que está na base de toda a sua concepção de linguagem e de hermenêutica. Por mais que ele destaque a subjetividade singular para a constituição e a compreensão do sentido, está longe de lhe atribuir o caráter absoluto e de auto-suficiência encontrado em Descartes. Ao contrário, para ele o sujeito é dependente e limitado, não se constituindo em ponto de partida filosófico adequado. O sujeito apenas emerge como termo de relação, nunca podendo ser flagrado na pureza de sua identidade. Na sua concepção de sujeito, frágil e dependente, é insensível qualquer psicologismo.

²² HK 82.

²³ HuK 71.

beleça pela linguagem, pressupondo, para a sua constituição, uma “comunidade lingüística” e de “conhecimento” – donde a necessidade e a função da dialética, garantindo o caráter sistemático e comunitário do saber. O diálogo, porém, não se dá apenas entre os intérpretes. O próprio texto, cuja compreensão nos desafia, representa para nós uma proposta de diálogo. Para compreendê-lo, exige-se estabelecer um certo diálogo com ele, no sentido de ler para além daquilo que suas palavras diretamente dizem: quem poderia lidar com pessoas em litígio, “sem que estivesse empenhado em escutar entre as palavras, assim como, em textos [...], lemos nas entrelinhas; quem não gostaria igualmente de examinar melhor um diálogo significativo – que, segundo diversas perspectivas, também pode vir a ser uma ação importante – destacar nele os pontos relevantes, captar sua relação interna, seguir perseguindo todas as suas sugestões silenciosas?”²⁴

A hermenêutica está, portanto, assentada numa base dialógica: “interpretar um texto significa estabelecer um diálogo com ele, questioná-lo e por ele deixar-se questionar”.²⁵ A interpretação, para não ser redundante, precisa ultrapassar sempre de novo o simplesmente dito ou escrito e saber “ler nas entrelinhas”. É a mesma atitude que se exige num diálogo interpessoal. Toda palavra escrita é em si uma proposta de diálogo, que o texto quer desenvolver com o leitor. Entende-se, por isso, a insistência de Schleiermacher, que a interpretação de um texto seja a interpretação do diálogo mais rico possível.²⁶

Para completar nossa argumentação contra uma redução psicológica da hermenêutica de Schleiermacher, seria importante apresentar ainda a sua concepção de sujeito, notadamente frágil e dependente. Há um fundamento teórico-subjetivo em sua hermenêutica, mas sem poder considerar separadamente esse fundamento. A própria consciência de si precisa do outro para se identificar a si mesma. Dispensamo-nos, porém, a entrar ainda por esse caminho. Julgo, pois, já ter se evidenciado suficientemente que, numa concepção dialógica da hermenêutica, em que se conjugam interpretação gramatical e psicológica, fica difícil perceber o que ela ainda poderia ter em comum com uma “má psicologização”.²⁷

²⁴ HuK 315-6. Também citado em Jean Grondin, op. cit., p. 97.

²⁵ Jean Grondin, op. cit., p. 97 e 98, que, por sua vez, se refere a W. H. Pleger, *Schleiermachers Philosophie*, Berlin/New York, 1988, p. 173-174.

²⁶ Cf. HuK 316.

²⁷ Jean Grondin, op. cit., p. 98.